

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMAMARIO REPUBLICANO

Numero 170

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2500. Semestre, 1250 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ars. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

ENTRE REPUBLICANOS

N'um telegramma do Porto para o *Seculo* dá-se como uma das causas da pequena votação republicana, na eleição municipal, a circumstancia de muitos republicanos não terem ido a urna por a lista não ser official.

Não sabemos o que haja de verdade a esse respeito. Mas o que todos viram, o que se percebeu, foi que os republicanos continuaram, como sempre, á mercê do acaso.

Pois era bem tempo de mudarem de rumo!

Quem escreve estas linhas sustentou muitos annos uma campanha contra os erros, os dislates, as covardias, as hypocrias, e as ineptias sobretudo, de varios dirigentes do partido republicano. Fartou-se de dizer que o partido ficaria aniquilado, verdadeiramente aniquilado, se os republicanos não pozessem de parte certos processos, que os desprestigiavam, e certas figuras, que os compromettiam.

Foi um verdadeiro côro d'indignações contra nós. De indignações e de infamias. Afinal o tempo encarregou-se de nos dar razão e de provar demasiadamente o acerto das nossas previsões.

Atravessámos uma crise dolorosa, das mais dolorosas porque tem passado o paiz, e não ha ninguem que se opponha com energia ao poder, senão para o fazer parar ou para o vencer, para levantar os espiritos ao menos. Todos se encolhem, n'um desalento, n'um pessimismo que é d'estarrecer.

Levautem os espiritos! Tenham ao menos a vergonha precisa para não cahirem como creanças no campo da batalha! O dever, este dever elementarissimo de morrer com honra, quando se não possa adquirir o triumpho. O dever de todos os homens, que queiram ter, quando mais não seja, direito ao nome de homens.

Que vergonha!
Valia mais, muito mais, caturisar as chagas do partido republicano do que deixa-las lavar até ellas invadirem todo o organismo. Era preferivel cortar, a tempo, os membros pôdres, que deixar apodrecer tudo. Assim mandava a providencia, o bom senso, o juizo. Mas a morte d'este paiz foi sempre apparecer a ignorancia arvorada em sciencia, a insensatez vestida de juizo. O insensato eramos nós. Os ajuizados eram elles! Nós não tínhamos auctoridade, sabedoria, prestigio. O prestigio, a sabedoria, estava em meja duzia de rhetoricos balofos, de parlapatões de tres ao real, de auctorisadissimos bacocos, que faziam consistir a auctoridade e o valor em falar

por monossillabos, com a gravidade de quem põe chapéo alto pelo Coração de Jesus e gravata preta em sexta-feira da paixão, e em escrever que se era assim tambem podia ser assado, e que quando não podesse ser assado não ficaria mau de todo sendo frito, se bem que cosido tambem desse apetitoso manjar. E tudo batia palmas a tamanha sabedoria. E tudo se curvava perante tão grande prestigio.

E o discolo era aquelle, está claro, que corria á batata os conselheiraticos doutores, e seu auditorio e côrte respeitossimos, crentes, obedientes!

O resultado vé se.

Partido republicano, não ha. Mas se não ha partido republicano, ha republicanos. E entre estes alguns de verdadeiro valor. Porque não apparecem? Porque não combatem?

Vergonha! Vergonha!

Eis ali a vergonha. Um homem não foge, quando é homem. Não se rende á ignominia. Rende-se á honra. E quando a honra não apparece para lhe tomar a espada, descarrega golpes sobre golpes até cahir ou morrer.

Render se deante da ignominia, curvar-lhe a cabeça ou fugir-lhe, nunca.

Assim fazem os homens.

Mais vale morte que má sorte.

Onde estão os homens illustres da democracia portugueza?

Para onde foram?

Estão em casa a rezar as contas? Servem de ama secca aos meninos?

Não pôde ser. Não pôde ser.

O seu logar é no campo, acompanhados ou sósinhos. E' no campo, a combater.

Ha dez? Sejam dez. Unam-se, entendam-se. Mas andem para deante.

Não ha partido para os seguir?

Triste preocupação, essa preocupação de partido!

Em Portugal não ha partidos. Ha quadrilhas, sómente. Ha tantos annos que nós dizemos esta grande verdade! Triste verdade, pungente, dolorosa, mas grande verdade, contudo. Em Portugal não ha partidos. Ha quadrilhas. Na melhor hypothese, confrarias.

Todos os directorios do partido republicano succumbem. Todos. Todos. Pois querem prova mais eloquente de que o partido republicano não existe?

Mas se não existe o partido republicano, existem republicanos. Mas entre os republicanos, ha-os de verdadeiro valor. Mas esses homens, por um accordo facilimo de estabelecer entre elles, pôdem desempenhar uma missão altamente moralisadora, altamente civilisadora no paiz.

Accordem. Tenham vergonha. Peguem na espada e descarreguem golpes. Isso que está

para ali a esgrimir é a insignificancia. A insignificancia não tem aureola. Não faz escola. Não tem prestigio. Não desperta estímulos nem levanta corações.

Pois qué? Pois os senhores só querem sahir a campo no dia da proclamação da republica?

Oh insensatez! Oh criminoso egoismo! Oh crime de lesa razão!

Cortae matto, que tanto tendes a cortar. Desvraeae, limpae, arroteae, semeae. As sementes hão de germinar. Os campos hão de produzir. E se não colhermos nós, hão de colher aquelles que vierem.

Só quando attento n'este egoismo, ou n'esta estupidez, n'este egoismo horrendo, pavoroso, ou n'esta estupidez cerrada, profunda, eu, por instantes, descreio da salvação da patria, do futuro da liberdade e da justiça na minha pobre terra, e sinto vontade de quebrar a penna para fugir tambem.

Para fugir e carpir.

Oh minha patria!

Oh terra infeliz!

O novo hospital

Por falta de tempo, não saho hoje a continuação d'estes artigos.
Fica para domingo.

EXCOMMUNHAO

Na *Voz da Verdade*, orgão da cleralha bracarense, vêm publicadas duas portarias pelas quaes são excommungados João Ferreira Mathias, e Rosa Maria da Silva, ambos de 19 annos, por haverem durante a missa parochial, em presença de testemunhas, declarado em voz alta que se recebiam em matrimonio por mutuo consentimento.

Pelo mesmo motivo foram tambem excommungados Antonio Alves, solteiro, de maior idade, e Maria Leopoldina, menor de 16 annos.

Excommungados! E esta!...

«A IDÉA DE DEUS»

Sobre este novo livro do sr. Sampão sahiu no ultimo numero d'este semanario um artigo, transcripto do *Diario da Tarde*, que não representa, de modo algum, as opiniões do nosso redactor sobre o livro, que ainda não lêu.

Já ultimamente, tambem transcripto das *Novidades*, publicámos um artigo sobre Zola, sem que essa transcriptão, como outras, importasse solidariedade na critica para o redactor principal d'este semanario.

Aos professores primarios

Os professores primarios são obrigados a preencher mensalmente os mapps modelo E e envia-los ás inspecções e sub-inspecções, de modo a darem ali entrada até ao dia 21 de cada mez, sob pena de não serem factuados em folha.

Ahi fica o aviso.

A GUARNIÇÃO MILITAR EM AVEIRO

Continuam os borbobotas a fazer politica com o pequeno effectivo do regimento de infantaria n.º 24.

E' preciso audacia e d'essa audacia só possuem os biltres que rabiscam no papel dos francaceos. Biltres e burros.

Pois se são elles os primeiros a dizer que o regimento de infantaria 19 está commandado por um tenente, estando os sargentos a commandar companhias, e que o regimento de infantaria 23 só tem 20 soldados, que tem elles a reclamar em relação a Aveiro, onde o regimento tem mais de 20 soldados e não está commandado por um tenente?

São os mesmos biltres que tendo mil maneiras de resolver pendencias de honra, estupidamente vêem dizer em publico que fizeram as mais graves accusações a um homem sem provas nem indicios, nem indicios (que biltres!) da affirmação que escreviam.

Biltres, mas estupidos. Como sempre.

Aveiro, sob o ponto de vista da guarnição militar, está em peores condições do que Coimbra, Chaves, Braga, Thomar, etc?

Não. São elles proprios que o dizem. Em Coimbra só ha 20 soldados. Em Aveiro ha mais. Em Chaves commanda o regimento um tenente. Em Aveiro commanda-o um coronel. Em Chaves commandam companhias os sargentos. Em Aveiro nenhum sargento commanda companhia.

Então porque falam e para que falam os biltres?

Pelo mesmo motivo e para o mesmo fim porque podendo engulir infamias de mil maneiras escolheram precisamente a peor.

Sendo muito estupidos, julgam que os outros são tão estupidos como elles.

O regimento de infantaria 24 não tem os effectivos nem os quadros completos. Mas estão em melhores condições os outros regimentos de infantaria no paiz? Não. Então para que berram?

Mas tem os effectivos e os quadros completos os regimentos de cavallaria? Não. Então para que abrem a bocca?

Não procurem, que borbobotas assim não ha outros. São os mesmos que declararam que tendo feito as mais extraordinarias accusações a um homem, as fizeram sem provas nem indicios alguns, sómente para se vingarem d'esse individuo por lhes terem dito que era elle o auctor d'uma carta anonyma que contrariava uma pretensão d'um dos celebrados e celeberrimos biltres.

Os ultimos dos biltres. Mas tão estupidos como biltres!

Já vigoravam as causas da redução dos effectivos dos regimentos quando entron o 24 em Aveiro, exclamam os biltres.

Não procurem. Estupidos de tal força, só aqui, n'esta santa terra que tolera toda a insignificancia moral e intellectual que n'ella se queira impôr ou a ella se queira acolher.

Biltres, muito biltres. Mas tão estupidos como biltres.

Pois não vigoravam tal, illustres bestias. O 24 entron em Aveiro na epocha do recrutamento, quando os corpos do exercito estão cheios de soldados. Depois d'isso é que vieram os licenciamientos, levados este anno, por dificuldades do thesouro, aos ultimos extremos. Depois d'isso é que se constituíram as unidades que compõem o exercito ultramarino, unidades que absorveram immensos graduados do exercito do reino: officiaes, sargentos e cabos. D'aqui as falhas, em pessoal graduado, que se notam em todos os regimentos, que não foram preenchidos, que o não podem ser, enquanto as camaras não tomarem uma resolução a tal respeito.

Muito biltres. Muito biltres. Mas muito burros, muito burros ao mesmo tempo. E é a burrice que lhes dá audacia. Fossem elles intelligentes e não cahiriam nos flagrantes disparates em que cahem a toda a hora.

Estupidos, burros, até em terem escolhido esta occasião para estarem a berrar contra a falta de soldados em infantaria 24, quando é certo que o quartel estará novamente cheio de soldados dentro de oito dias. No dia 15 do corrente hão de estar os recrutados nos regimentos. E já não faltarão soldados em Aveiro.

Mas que querem, se aquillo é a quinta essencia da burridade? Da burridade e da patifaria.

Ainda não provaram, nem pôdem provar, que o regimento de cavallaria teria mais soldados, sargentos e officiaes, se estivesse em Aveiro, do que tem o regimento de infantaria 24. Mas a troca do regimento de cavallaria pelo de infantaria deu em resultado a camara ficar liberta da divida do quartel, vantagem que, só por si, foi enorme. Mas a troca do regimento de cavallaria pelo de infantaria deu em resultado ficar aqui o districto de recrutamento e reserva, outra vantagem enorme, por mais que as bestias a queiram diminuir. E' certo que as Juntas se realisam na séde dos concelhos, o que foi muito bem entendido para commodidade dos povos. Os concelhos do districto de Aveiro que agradeçam aos pulhas a boa vontade que elles lhe tem. Os pulhas entendem que no districto de Aveiro só Aveiro é que vale. Os pulhas dos francaceos! Não esquecer isso. E' certo, pois, que as Juntas se realisam nas sédes dos concelhos. Mas nem por isso deixa de haver todo o anno correria de reservistas para a cidade. Mas nem por isso deixa de se reunir aqui o numero de reservistas necessarios para a instrucção do mez d'agosto, e não são tão poucos como isso. Mas nem por isso deixa de haver a mais uns poucos de officiaes, sargentos, cabos e soldados, com permanencia effectiva na cidade.

Mas que vale isso? Que importa lá que a divida do quartel, passasse para o governo, ficando a camara liberta d'esse tremendo encargo? Que importancia tem dez ou doze funcionarios a mais n'uma cidade? O que valem duzentos homens a mais em Aveiro, durante todo o mez de agosto? Que importa que a séde do districto de recrutamento e reserva ainda valha bastante, embora não valha tanto como poderia valer?

Cartas d'Algueres

7 DE NOVEMBRO.

O que vale o proprio districto de Aveiro? Não disse já o patrão da malandragem que não vale coisa nenhuma? O que vale a barra? Não disse já o patrão da malandragem que não vale dois caracões?

O que vale, o que é tudo para esta terra, é o morgado do Carmo, é o excelso cidadão Jayme da Magalhães Lima com a sua corte de *Tinhosos*, de *Reles*, de *Chigas*, de *Cabecinhas*, de *Caganifancias* e de *Mijaretas*.

Viva o morgado! O morgado é que é tudo. Viva o morgado e a sua corte! E que leve o diabo o districto de Aveiro, a barra, o districto de recrutamento e reserva, a brigada e tudo. A corte só consentia o regimento de cavallaria porque parte dos officiaes do dicto regimento tambem faziam parte da dicta e referida corte. Só por isso! Só por isso! Os *Tinhosos*, os *Reles*, os *Chigas*, os *Cabecinhas*, os *Caganifancias* e os *Mijaretas*, com o *Bicheza* a gritar que o quartel de Sá é o primeiro do mundo, queriam o luxo das esporas e das espadas nos salões do Carmo. O patrão, o morgado, todo se deliciava com isso. Todo se lambia.

Eis porque elles queriam o regimento de cavallaria em Aveiro. Por mais nada, não. E tanto assim é que o patrão gritou que o districto, a barra, e o proprio regimento de cavallaria quando ainda não pertencia a corte, de nada valiam para Aveiro. E tanto assim é que ali estão elles a escrever que de nada valen a camara ficar liberta da divida do quartel, que de nada valen ficar o districto de recrutamento e reserva em Aveiro, que de nada vale termos entre nós uma das brigadas de infantaria, etc.

Ficámos com um regimento de infantaria que vale muito mais, só por si, ainda ninguém prouve o contrario, que o regimento de cavallaria. Ficámos, só por isso, libertos da divida do quartel. Ficámos, só por isso, com o districto de recrutamento e reserva. Ficámos, só por isso, com uma das brigadas de infantaria. E ainda ficámos com alguma cavallaria.

Pois nada d'isso vale aquella meia duzia de sujeitos que faltaram na corte do morgado do Carmo!

Muito pulhas, muito pulhas.

E tão estupidos como pulhas.

THEATRO AVEIRENSE

A annunciada companhia hespanhola de zarzuela deu na terça-feira o seu primeiro espectáculo com tres magnificas zarzuelas: *Una Vieja*, *Chabear Margax* e *La Czarina*, cujo desempenho foi magistral, sendo os interpretes muito applaudidos.

— Na quinta-feira, apesar do mau tempo que fez, representaram-se as lindissimas zarzuelas: *Sensitiva* e *Los Zangolotinos*. Os personagens foram calorosamente applaudidos e visados alguns numeros de musica pela correção e relevo que souberam dar aos seus papeis. E' uma distincta companhia com elementos de muito valor, e pena é que o nosso publico não correspondesse com o seu concurso a abrihantear aquella casa de espectaculos na terça e quinta-feira.

Em ambas as noites foi feita uma estrondosa ovacão ao nosso patricio e amigo sr. João Pinto de Miranda, que tomou a seu cargo a regencia da orchestra de tão difficeis partituras.

— Hontem, representaram-se as engraçadas zarzuelas: *El Lucero del Alba*, *Una Vieja* (a pedido), *De Vuelta de la Corrida* e *Ya somos tres*, que de certo deviam agradar.

— Hoje, ultimo espectáculo.

Cambios

Está a 12 1/32 o cambio do Brazil sobre Londres.
Libra no Brazil: 195948 réis;
em Portugal, 55655 réis.

A historia não é interpretada por todos da mesma forma. Uns vêem-na d'uma maneira, outros d'outra. Mas distingamos o que é meramente subjectivo d'aquillo que se apoia na verdade nitida dos factos.

A causa da nossa decadencia é uma questão de raça? Mas porque? Porque ha de ser uma questão de raça? Por abundancia de sangue semita entre nós? Isso é desconhecer completamente a corrente dos povos invasores e as relações que os prendem.

O sr. Theophilo Braga diz no seu livro *O Povo Portuguez nos seus costumes, crenças e tradições*, volume I, pags. 39 40, que fica um homem atrapalhado se se põe a olhar para todos os typos que passam junto de si. Vê caras com prognatismo singular, e com depressões frontaes, que lembram o homem pre-historico; outras com «proeminencias malares e disposição obliqua das palpebras, que lembram a raça mongolica»; outras com o «trago fino e perfeito do ariano, já com os cabellos pretos e olhos castanhos, já com os olhos azues e cabellos louros»; uns typos são «cruetos de carnes, com o cabello crespo ou curto e negro, com barba lampiã, lembrando o typo berber; ás vezes a cor da pelle toma uma cambiantes bronzada clara do typo fullah; um tem a estatura alentada dos homens do norte como o antigo germano, outro a obesidade do turco, outro a estatura meã do mouro, outro a cor ruiva dos cabellos e barba como o alano ou o scythia.»

Uma trapalhada. Parece uma feira dos diferentes povos da terra, na expressão de sr. Theophilo Braga.

O mesmo observa Topinard, o notavel anthropologista, como já vimos, no seu livro *L'Homme dans la nature*, em relação aos francezes.

O mesmo observa Sergi, em relação aos italianos, nos seus livros excellentes *Specie e varietà umane*, *Arii e Italici*, *La Decadenza delle Nazioni Latine*.

Sangue semita tem a Italia, tem a França, tem a Hespanha, tem todas as nações que estiveram em contacto ou que herdaram os povos da região mediterranea.

Demoraram-se mais tempo os arabes entre nós? A uma parte importante do paiz nunca elles chegaram, como já tivemos, tambem, occasião de vêr. Nunca passaram da Villa da Feira para cima, affirma na *Patria Portuguesa* o sr. Theophilo Braga.

«No territorio portuguez (pags. 201) preponderou o elemento phenicio no delta comprehendido entre o Guadiana e o Tejo, onde existiu a grande civilização Bastulo-Phenicia; n'este mesmo territorio é que o dominio arabe mais facilmente se propagou. Para as regiões do norte de Portugal desenvolveram-se as colonias maritimas dos gregos, e ainda hoje existem vestigios na belleza das mulheres como em Oyar, Aveiro, Maia e Vianna; o sangue arabe nunca se estendeu da Villa da Feira para cima. O antagonismo entre os gregos e phenicios revela-se aqui em uma accentuada linha de separação.»

N'outra parte, (pags. 203) diz o mesmo escriptor:

«A differença de Portugal dos outros povos da Hespanha começa pelo predomínio do elemento árico, o que explicará a causa da precoce aggragação nacional, antecedendo a de todos os outros povos peninsulares, e tendo consequentemente a sua sede ao norte d'esta faixa territorial.»

Houve sangue semita em certas regiões de Portugal como o houve na Sicilia, na Sardenha, na Italia meridional; como o houve em grande parte da Hespanha. Mas nem este sangue subverteu o sangue anterior, que combateu o dominio arabe e o repeliu de toda a Peninsula, nem, pelo que toca a Portugal, chegou a invadir mais que a parte sul do paiz. O sr. Theophilo Braga quer mesmo que o predomínio do elemento árico seja a causa da superioridade de Portugal sobre os outros povos da Peninsula.

Estas questões de raças estão hoje relegadas para um plano secundario. Todos os povos da Europa são mais

ou menos da mesma raça, com predomínio d'uns elementos, aqui, e d'outros elementos, além. Mas quando se queiram discutir e profundar, chega-se á conclusão de que Portugal ainda não foi o mais mal servido dos povos da Europa. Sangue negroide, mongoloide, ibero, eusk, lybio, berber e tudo o mais que se segue, desde os tempos prehistoricos até aos arabes, todos elles o tiveram. Quem teve mais d'este e quem teve mais d'aquelle é caso, já, de somenos importancia, e difficil de averiguar.

Já por isso, já porque, se é possível a averiguação, não somos nós, portuguezes, os menos favorecidos em sangue aristocratico, — juntem lá mais esse titulo honorifico aos velhos pergaminhos, louvado seja Deus! — é uma insensatez attribuir á influencia de raça a decadencia portugueza.

Comtudo, não falta quem pretenda encontrar o mal n'essa origem.

Vem a doença, como escreve o meu prezado e talentoso amigo Bazilio Telles, da crise agraria de 1883?

E' possível. Que o mal todo viesse d'ahi não. E Bazilio Telles tambem o não pretende. Que viesse algum, é possível. As prosperidades das nações repousa, não ha duvida, na prosperidade da agricultura. Mas nem veio o principal, nem a gente fica muito convencido de que viesse, mesmo, algum. E' muito hypothetico. E' muito subjectivo. Para nos convencermos, queremos apalpar, queremos sentir, queremos vêr. E o mal da religião, e o mal da ignorancia, esse vêmo-lo nós, esse está aqui, a nossos olhos, visível, palpavel, eloquente e nitido.

Para que nos havemos de andar a perder em hypotheses?

Todos nós sabemos que as nações definham, cabem, morrem quando se immobilizam. Ora o catholicismo foi a maior causa de immobilização nos povos latinos. Quem o poderá negar?

O catholicismo foi adversario de todo o progresso, adversario feroz, selvagem, implacavel. Onde appareceu uma idea appareceu elle, prompto a abafá-la. Onde surgiu um innovador, surgiu elle, prompto a afogá-lo. Lançou a desconfiança em volta de tudo quanto foi nobre; o odio atraz de tudo quanto foi util. Recabou a sciencia com as fogueiras e a liberdade com a forca. A justiça, metteu-a nas masmorras; a verdade, sujeitou-a ás torturas da inquisição.

Isto não é rhetorica. São os teozos que correspondem aos factos. E quando eu vejo homens como Bazilio Telles duvidar de que o catholicismo fosse a causa principal, quasi exclusiva, de decadencia portugueza e dos povos latinos, até esta causa commun é nitida, só posso comprehender essa duvida por um momento de esquecimento ou de irreflexão.

Os povos não vivem sem guia e sem ideal. Esse outro facto de accusar o povo portuguez de não ter iniciativa nem impetus de revolta, é um novo equivooco em que laboram os espiritos menos sabedores ou menos reflectidos. O povo é assim em toda a parte. Se o não suggestionam resigna-se á atura o despotismo, a escravidão, a miseria, como uma fatalidade imperiosa, para a qual não ha remedio. O povo mais culto. Não só esta materia bruta que se chama o povo portuguez. E' preciso que o illuminem e que o excitem. Quer homens, que lhe inspirem confiança e que o mandem.

O sr. Theophilo Braga e outros pretendem vêr um caracteristico de raça n'esta mania d'um salvador que, dizem elles, caracteriza o povo portuguez. Caturricas de sábios. Embarras de especialistas. O sr. Theophilo Braga é um homem muito erudito. Não ha duvidas. Mas tem as suas exquisites, como todos os homens. E quanto mais superiores, mais excentricos.

A mania d'um mestre, d'um guia, d'um salvador, é commun a todos os povos. A França procurou-o sempre, e procura-o a toda a hora. A Inglaterra, apesar de toda a confiança na sua força, só dá hurras entusiasticos depois que o encontra.

Se os povos estão na desgraça, chamam-lhe salvador. Se estão na derrota, chamam-lhe vingador. Se estão no apogeu, chamam-lhe general ou homem de estado. Um guia, um dirigente em todo o caso.

Sem elle, o povo assimella-se, diz Sergi no já citado livro *La Decaden-*

za delle Nazioni Latine, a um homem perdido n'um bosque, que farto de procurar o caminho, sem o encontrar, se assenta a um canto, resignado e triste, esperando passivamente, como um destino inevitavel, o fim da existencia. Mas se ao longe bruxoleia uma luz, traçando-lhe um caminho ou dando-lhe a esperança d'uma direcção, precipita-se cegamente para ella.

Assim é o povo, conclue o publicista italiano. O povo de todas as epochas e de todas as nações. Se um homem se apresenta e mostra na vida uma nova direcção, um novo modo de operar e dá, por um dia só que seja, a esperança de sahir do soffrimento, tudo se lhe junta e o segue.

Esse homem foi, entre nós, D. João I, foi Nuno'alvares, foram os navegadores ousados e os guerreiros destemidos. Esses homens tinham um ideal, que era o ideal commun. O ideal da riqueza, das aventuras, da gloria. Não o ideal da cruz, nem o ideal de Deus. Deus, para os homens, só lembra quando elles tem medo. Deus é o soffrimento, é o castigo, é a morte. Para os proprios poetas, Deus só é o amor, a virtude, a docura quando elles fazem versos. O verdadeiro Deus só o conhecem quando lhes doe a barriça e, deitados de bruços, gritam *Á Jesus!* Deus aquiula; não eleva. Faz curvar a cabeça, não a ergue. Quando o mar se encapellava, quando as ondas galgavam o navio, quando se sentia o baque do dorso nos cachopos, então sim, paravam as manobras e Deus, sobrepujando a morte, dominava o quadro aos gritos de *misericordia*. Mas no calor e no entusiasmo do combate, em que a morte vem arrebatada e fêrvida, o ideal não era Deus; o ideal era a riqueza, era a honraria, era a gloria.

Deus voltou com o naufragio. Voltou com o jesuita, com a inquisição.

O meu prezado amigo Bazilio Telles chama a minha attenção para este ponto: «O povo portuguez, no seu conjunto, tem paixões religiosas? Tem, ou teve algum dia, verdadeira disposição, sentimental e de sentimento, para se interessar por dogmas, crenças, ritos, doutrinas, d'uma igreja determinada?»

Veremos esse ponto.

Por hoje, para terminar esta carta, que vae longa, fiquemos a' isto:

Deus voltou com o naufragio. Voltou com o jesuita, com a inquisição. Voltou com a derrota de Alcaccer Quivir. Voltou com a morte. Apagouse a luz. Fugiu o ideal. Portugal perdeu-se no bosque, ás escuras. E nas trévas, paralisada a vida da nação, perdido no fundo do mar o genio portuguez, só se ouviu este som lugubre:

Misericordia, meu Deus!

Esse som horrendo, pavoroso, que ainda hontem se misturava com o som das martelladas nas forcas publicas, erguidas para honra e gloria do absolutismo e da santa religião. Esse som que ainda serve para curar mordeduras de cão damnado, porcas mal paridas, que dá chuva em grandes seccas e livra do raio em grandes tempestades.

O paiz, com crenças ou sem ellas, estupidamente, bestialmente, ficou gritando e grita, como remedio supremo e decisivo:

Misericordia!

Misericordia, meu Deus!

A. B.

Fallecimentos

Na noite de terça-feira falleceu n'esta cidade a sr.^a D. Julia Pereira Serrão, proprietaria, e virtuosa mãe do nosso patricio sr. Manuel Pereira Serrão, importante armador de navios no porto de Lisboa.

Possuía a extincta uma bondade extrema, e a pobreza do Al-boy perdeu uma bemfeitora sempre prompta a acudir a todas as suas necessidades.

A todos os seus, especialmente a seu filho o sr. Manuel Pereira Serrão, o nosso mais sentido pezame pela infausta desgraça que vem de ferir o seu nobilissimo coração.

— Tambem falleceu em Macieira de Cambra a sr.^a D. Maria Coutinho Tavares de Paiva, tia do nosso amigo sr. Isaias Vide, muito conhecido n'esta cidade, a quem enviamos o nosso cartão de condolencias.

«A FOLHA»

Recebemos a amavel visita de mais este novo diario, que principiou a publicar-se em Lisboa. E' superiormente redigido, e declara-se democratico independente. Dedicou-se, porém, muito principalmente, ás classes populares, onde encontrarão um verdadeiro e estrenuo defensor.

Desejamos ao novo collega muitas e prosperas felicidades.

Vamos retribuir.

Os malandretes escrevem que nunca depreciaram o merito da banda de infantaria 24.

Que ignobeis patifes!

Então as correspondencias da Palhaça, publicadas com applauso unanime, como toda a gente sabe, dos canalhorios dos francaços? Pois alguém ignora em Aveiro que os canalhorios dos francaços roem nos meritos da banda regimental a toda a hora?

Alguém ignora isso?

Podem dizer, segundo o costume, que as correspondencias da Palhaça não são da responsabilidade d'elles. *Aquillo* é latrina publica, onde despeja qualquer. E depois confessa-se que se escreveu sem provas e sem indicios. E depois engole-se o que se escreveu sem provas e sem indicios. E depois ficam liquidadas as pendencias com honra para os constituintes.

N'aquella papeleta suja não ha director, não ha coisa nenhuma.

E' publico na cidade que as testemunhas do sr. dr. Homem de Mello começaram por ir á redacção do pasquin perguntar quem era o director d'aquillo. Lá disseram que era Jayme de Magalhães Lima. Procurado Jayme, Jayme jurou e bateu fé que não era director de coisa nenhuma.

Imaginem. Os do pasquin não hão de saber quem é o seu director! Mas o morgado jura sempre que não foi, que não é e que não ha de ser director.

Procurado *Cabecinha*, *Cabecinha* declarou logo que se não batia, que não sabia jogar as armas, etc. Depois foi aquella sugidade que se viu.

Não ha, pois, alli director. *Aquillo* é publico. *Alli* entra quem quer. Elles publicaram as correspondencias da Palhaça. Mas é calunnia-os dizer-se que já depreciaram os meritos da banda!

Elles tem lá alguma coisa com as correspondencias da Palhaça?

O *Chiga* sahia do jornal quando queria provar que não estava d'accordo com o que escrevia o *Cabecinha*.

O *Chiga* inutilizava uma edição para não ser solidario com a descompostura no dr. Alexandre de Sousa e Mello. Mas o *Chiga* e o *Cabecinha* não tem nada com as correspondencias da Palhaça contra a banda de infantaria 24, e calunnia-os quem disser que elles já depreciaram os meritos da mesma banda!

Não ha. Pulhas assim não ha. Nem bestias de igual jaez.

Mas bem. Vamos adiante.

A banda, então, esteve em Espinho porque o sr. dr. Manuel de Homem de Mello estava em Espinho, a banhos, e queria ouvir a musica do 24, pelo que se vê que gosta mais d'ella que os francaços d'Aveiro e da Palhaça. Mas foi uma grande patifaria o sr. dr. Manuel Homem de Mello ter mais influencia junto do sr. ministro da guerra do que teve o sr. Pinto Bastos quando foi governador civil d'Aveiro, e do que tem o governador civil de Coimbra!

O miseraveis, quando haveis de dizer duas coisas com geito?

Então o sr. dr. Manuel Homem de Mello vale alguma coisa, ou

não vale? Então tem influencia, ou não tem?

Tem tanta influencia que arranja musica regimental para elle ouvir em Espinho?

Tem tanta influencia que consegue o que não conseguiu um governador civil regenerador, no primeiro pedido, demais a mais, que esse governador civil fez ao governo?

Tem tanta influencia que consegue o que não conseguem os influentes regeneradores de Coimbra?

Mas então para que dissestes, miseraveis, n'outro dia, ainda, que o sr. dr. Manuel Homem de Mello não tinha valimento algum?

Afinal tudo se explica. Quando dizem alguma coisa é, *sem provas, é sem indícios*, é promptos a engulir assim que os mandam engulir.

Elles o disseram.
Tudo se explica. Tudo se explica.

E' uma corja de garotos.
E mais nada.

A NOSSA CARTEIRA

Esteve hontem em Aveiro o sr. dr. Manuel Homem de Mello, illustre deputado por este circulo.

De Villa Verde regressou a Aveiro o sr. dr. João Feio Soares d'Azevedo, illustrado secretario geral d'este districto.

Da Costa Nova regressaram a esta cidade os srs. dr. Francisco Antonio Marques de Moura, illustrado medico aposentado; Luiz Henriques; Guilherme A. Taveira com esposa e filhos; Manuel de Lemos e José Marques d'Almeida.

Tem experimentado sensiveis melhoras a esposa do nosso patricio sr. Antonio Maria Ferreira, que ainda se encontra na praia de S. Jacintho. Estimamos.

Regressou d'Estarreja á sua casa de Aveiro, acompanhado de sua familia, o sr. José Maria Pereira do Couto Brandão, digno official do governo civil d'este districto.

Do Pharol regressou com sua familia a esta cidade o sr. Jeronymo Baptista Coelho.

Parte amanhã para Lisboa, a fim de seguir para S. Paulo (Brazil), o nosso patricio e amigo, sr. Bento Augusto de Garvalho.
Feliz viagem.

Musica no jardim

Se o tempo o permittir, toca hoje da 1 ás 3 da tarde, no Jardim Publico, a excellente banda do regimento de infantaria 24, cujo programma é o que segue:

1.ª PARTE

O Transmontano, (ordinario).
Fedora, (port-pourri).
Lenta, (walsa).
Carnaval de Veneza, (phantasia).

2.ª PARTE

Marcha de Cadiz, (pot-pourri).
Os Ursos, (polka).
**** (marcha).

Previsão do tempo

Com relação ao tempo provavel que fará durante a primeira quinzena de novembro, faz o meteorologista hespanhol a seguintes previsões:

De 7 a 9—Borrascas na Andaluzia, Extremadura e Almeria e agitação no Mediterraneo; em seguida algumas trovoadas no levante, limpando depois a atmosphera por influencia do oeste.

De 10 a 12—Bom tempo de outono; em seguida regimen de snéste e nevoeiros na Castella e Aragão, alternando com algumas geadas.

De 13 a 15—Regimen do snéste e céu nublado com aspecto

tempestuoso. Depois tempestade em varios pontos da península e chuva ao centro e no Aragão.

HISTORIA LOCAL

O *compadre* não tem razão nenhuma para estar assim tão zangadinho.

Então quem lhe fez mal?

Lá por notarmos os defeitos ao *compadre* não se segue que lhe queiramos mal. Não. Somos, fomos e seremos amigo do *compadre*. Fizemos, fazemos e faremos toda a justiça. Se notamos defeitos ao *compadre* também lhe reconhecemos qualidades. Defeitos notamos a nós proprio. Já vê!

O peor do *compadre* é essa mania de fidalguias. E' ser soberbo. O *compadre* é soberbão. Ora isso é que é o diabo.

Essa mania, aliás, tem-a muita gente boa.

O *compadre* nasceu logo com esse feitio de se curvar deante dos grandes e de se entesar deante dos pequenos. Mas enquanto era pobre, *disfarçava*. Precisava dos pobres e então não tinha remedio senão dar-se com os pobres e *arranchar á má lingua* contra os ricos. D'ahi as celebres cartinhas em que é dentada no Vilhena e n'outros, que ferve. Mais *compadre* foi sempre cauteloso em cartas. Manhoso! Lá manhoso é elle.

Compadre vivia com os pobres, cortava na casaca dos ricos e, verdade, verdade, assim é que começou a enriquecer. Foram elles, *compadre*, foram os pobres que o elevaram. Foram os carpinteiros, foram os pedreiros, foram os pintores e brochantes, etc. Alguns *déram-lhe* contos de réis a ganhar. E *compadre* agora ainda em cima lhes chama ingratos. Enriqueceu com a amizade d'elles e lá porque um dia lhes fez um favor, e lá porque elles não quiseram ficar amarrados a esse favor, porque tinham consciencia, porque tinham dignidade, porque a consciencia dizia lhes que muito mais favores tinham elles feito ao *compadre*, porque a dignidade os obrigava a revoltar-se contra o João Ninguém d'outros tempos que elles elevaram e que depois de se achar rico já lhes falava por cima da burra e lhes lançava os favores em rosto, lá por que os homens também tinham consciencia e altivez, *compadre* desatou a chamar-lhes ingratos por toda a parte e deixou de querer mal ao diabo para lhes querer mal a elles. Antes d'isso, claro é, já *compadre* tinha deixado de viver com os pobres para viver com os ricos. Antes d'isso, muito antes d'isso. *Compadre* começou a olhar os pobres por cima da burra logo que se sentiu com alguns vintens na mesma burra. Mas depois que o morgado do Carmo começou a privar com o *compadre*, depois que o Luiz de Magalhães começou a dar-lhe palmadas nas costas, e depois, sobretudo, que o João Franco lhe entrou em casa e *lhe bebeu á saúde*, *compadre* foi á lua, viajou nos astros e cahiu na terra feito o primeiro soberbão do universo.

E nunca mais falou aos pobresinhos senão como grande, como importante. Os grandes de Hespanha cobrem-se deante do rei. Elle também se cobriu deante do João Franco.

O nosso marechal!
O nosso rico marechal de Liliput.

Quem o havia de aturar?

Ora foi o vosso peccado, *compadre*.

Mas olhe que você não tem razão, *compadre*. Olhe que esses a quem você chama ingratos *déram-lhe* muito dinheiro a ganhar. Ingrato é você, *compadre*. Você, *compadre*, até fazia isto. Quando um operario lhe entrava na loja, a comprar um litro de oleo, ou coisa equivalente: você perguntava: «E' para si ou para o patrão?»

Se era para o patrão (o mestre d'obras também era tido na conta de patrão) era um preço; se era para o operario, era outro preço.

Claro é que o *compadre* ganhava vendendo ao operario, *que podia chegar a ser patrão*. Mas ganhava muito mais vendendo ao patrão. E o patrão, *compadre*, calou se, aguentou e não disse nunca mal de você. Pelo contrario, disse sempre, que você era um homem honrado!

Meu rico marechal de Liliput!

Meu rico marechal, que se fartou de ganhar dinheiro á custa dos pobres e que ainda agora, por cima, lhes chama nomes e olha para elles do alto da burra.

Ora não pôde ser, *compadre*.

Isso é flagrante injustiça.

Seja conde, visconde ou barão. Mas soberbo, *compadre*, não pôde ser.

Soberbo? Que dizemos? Soberbão! Soberbão! Soberbão! Tres vezes soberbão. Façam de contas que João Franco é Carlos Magno e que marechal de Liliput é um dos doze pares de França.

Eis o *compadre*!

Nenhum grande fidalgo, na idade-média, passava por ao pé do seu povo com ar mais senhoril que Marechal *Compadre* de Liliput Mil Homens passa por ao pé dos miseros habitantes pobres d'esta cidade de Aveiro.

Dos miseros!

Dos pobres!

Que em sendo ricos, são dez barretadas e vinte contumelias, pelo menos. E isso é que revolta, *compadre*!

Ali é que está o *buzilis*!

O *Mijaveta*, coitado, o *Cabecinha*, coitadito, são uns pobres diabos, sem aptidões, sem faculdades de trabalho, que morrem de fome se lhes não derem uma codéa.

Tem uma certa desculpa n'aquella triste flexibilidade de espinha. Mas o *compadre* que é rico!

Não pôde ser, *compadre*. Sem protesto, não pôde ser. Ainda se você não tivesse sido republicano!... Mas você foi amigo dos pobres. Você arranchou á má lingua contra os ricos. Você foi republicano. Quem lhe lia de perdoar você agora ser reaccionario (o *Mijaveta* diz aos doutores do Porto e de Coimbra que é, foi e continuará a ser republicano!!!) quem lhe ha de perdoar você, agora, ser reaccionario e soberbão, soberbão, soberbão? Nem que você diga também aos doutores que é mais republicano que os republicanos. Em você dizem isso aos doutores, ficam os doutores de bocca aberta.

Mas cá para os de Aveiro é que não pega!

Tenha o *compadre* paciencia.

E no numero seguinte voltaremos ás cartas. Você mandou escrever na papeleta que a estatua se deve quasi *exclusivamente* a você? Ah! soberbão, soberbão! Soberbão! Tres vezes soberbão! Soberbão, que has de ser barão!

Não, não, não, tres vezes não, soberbão!

E é o que vos mata, caro amigo. Rico Marechal *Compadre* de Liliput Mil Homens!

Vós fizestes muito, *compadre*. Fostes o principal elemento, pela vossa actividade e teimosia. Justiça acima de tudo. Mas sem os outros nada se conseguia, nada se fazia. Era perdida a actividade. Era inutil a teimosia.

Quasi *exclusivamente*, foi asneira mór, *compadre*.

Sendo certo, além d'isso, que o que fizestes com as mãos vós o desmancharíeis com os pés, se outros elementos intelligentes não contrabalançassem a vossa fraca cachimonia.

Pelo menos, não ha duvida nenhuma que a estatua ficaria perdida, como obra d'arte, se a intervenção d'ontras pessoas, o que já provado está e o que as ricas cartinhas que estão aqui guardadinhas, provarão melhor.

Isto não vae n'um dia.

Os excellentissimos açularam o *Cabecinha* mas hão de amargalo e paga-lo.

Olé! Olé!

E até domingo.

Azeite de 1.ª qualidade

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio—**AO PUBLICO**—que o sr. Alfredo Manso Preto, com estabelecimento de mercearia situado na rua das Barcas, faz publicar na 4.ª pagina d'este jornal, onde o publico encontra o mais fino e saboroso azeite d'oliveira, cuja analyse foi feita no Laboratorio Central de Hygiene, de Lisboa, que o reputo de excellente qualidade para o consumo publico.

Carta da Gafanha

5 de NOVEMBRO.

Meus amigos.—Passou na segunda-feira o dia da funebre romagem ao coval dos nossos queridos mortos, e só essa recordação pôde distrair-me dos meus labores aldeãos.

Ó ouvi os campanarios fazerem a lugubre chamada, e o aviso chegou-me no ecco plangente trazido pela brisa que vinha d'esses sitios.

Lá fui também, em espirito, ao cemiterio, ajoelhar á beira das campas, onde me desappareceram pedaços do coração, e a evocar a memoria de santas creaturas, para ungil-a com uma saudade, a mais oreciosa, do meu amor e do meu respeito.

E' pouco, bem sei, para dar a quem tanto devo, mas a pureza das lagrimas tem um alto encho moral só comprehendido e valorizado por caracteres lidimos e superiores, que passaram incolumes e serenos sobre os pantanos onde se entrecrocavam as paixões mais vis e degradantes.

E é sincera a minha dôr, e vivos o meu affecto e o meu respeito. Vá isso ao menos em desconto na minha divida de gratidão.

Na aridez d'um cemiterio, ao pé de um monte de terra, a que nos prendem amarissimas recordações, não ha logar para banalidades exterioreas. A alma abre-se á melancolia e á tristeza, que são o «martyrio do pensamento», e as ideias baralham-se n'uma justificada desconexão, e só um ponto se dilata nitido e luminoso, que nos vem dar alento n'este rude cruzeiro da vida.

A minha homenagem de respeito, o meu preito de saudade, que

me veem do coração aos bicos da penna com que traço estas linhas, ahí os tendes a nimbar a memoria do vosso amor e da vossa dedicação, e a lonficar-me a alma, que foge para ahí, e ahí volita tantas vezes, por entre as vossas campas, oh minhas santas amigas!...

E depois d'isso, pouco assumpto posso abordar, que encha dois *linguados*. Terra profundamente aldeã, como esta onde firmei os meus destinos, a vida desliza monotona, pacata, sem incidentes que mereçam referencias capazes de estimular a curiosidade do publico.

A tia Joanna do Gramata, que ha muito transferiu a jazida para o cemiterio d'Ilhavo, fechou o cyclo dos acontecimentos historicos da Gafanha.

Era um monumento de vetustes que parecia invulneravel ao estrago dos seculos e á cubiga e á rivalidade do padre Calvo.

Os amigos não conhecem provavelmente o padre Calvo: contemporaneo d'aquelle famoso virago, é também o decano dos *cura d'almas* da freguezia d'Ilhavo, e talvez, de todo o bispado de Coimbra.

A tia Joanna affrontava impávida os temporaes da vida, fumando bonacheirona o bello cigarro bregeiro, do padre Calvo, mysantropo e as carnes chapadas pela velhice, de hyssope em punho fazia escovinhas á sua fregueza e sua antagonista tia Joanna, cujo arcabouço cedeu emfim ao peso dos annos.

Foi um acontecimento e uma perda local, e uma victoria para o padre Calvo no *record* da ancianidade, em que os dois eram os unicos corredores.

E com o hyssope, o reverendo completou o ganho da victoria, borrifando o cadaver da tia Joanna para ter direito a rasca na assadura.

Para fechar a carta, fallarei ainda na teimosia do povo gafanhense, que á saída da missa ou em conciliabulos improvisados *au jour le jour* pretende constituir freguezia desmembrando-se da de Ilhavo.

A pretensão é justissima, e este povo digno de ser attendido, por motivos de incontestavel ponderação.

A área parochial tem limites naturaes, que parecem talhados pela natureza para pôr em relevo a necessidade de ser aqui creada uma parochia, tendo além d'isso elementos proprios para sustentar, sem sacrificio, os encargos inherentes á freguezia.

A isto que é já um valor importante para afirmar a justa aspiração d'este povo, acrescemos circumstancias de ordem moral que deprimem a condição d'um povo, vivendo ás portas de uma cidade, capital de districto.

São complexos e trabalhosos os inconvenientes que resultam para esta gente, quando tem de corresponder-se com as estações clericas na séde da freguezia, e ás vezes d'um grutesco que repugna, e se chegar a fazer riso é o riso de lastima e de dôr.

Quantos actos, que devem revestir a maxima compostura e seriedade se não marcham com incidentes desopilantes e quantas scenas de pungente desolação são cortadas de réles humorismos, em que ás vezes cadaveres humanos tomam ares de protagonistas de baixa comedia!...

«Os Mysterios da Inquisição»

Recebemos e agradecemos o tomo n.º 12, d'esta magnifica publicação, de F. Gomes da Silva, editada pela acreditada Secção Editorial da Companhia Nacional, de Lisboa—Prego, 300 réis.

De passagem por esta cidade estiveram em Aveiro os nossos amigos Augusto Marques dos Reis, e Rodrigues, empregados da companhia do conhecido e popular actor Oliveira. Pedem elles, por este meio, desculpa a todos os seus amigos de se não despedirem pessoalmente por falta de tempo.

J. Jacob

AO PUBLICO

Bem alto o dizemos, para que chegue ao conhecimento de todos, pois a todos convém saber que é na rua das Barcas, no estabelecimento de

Alfredo Manso Preto

que se vende o mais puro, saboroso e limpo azeite que em toda a cidade se pôde encontrar. De todas as amostras collidas pelo ex.^{mo} Delegado de Saude nos diversos estabelecimentos d'Aveiro, para serem analysadas no Laboratorio Central de Hygiene, em Lisboa, foi o azeite da casa de **ALFREDO MANSO PRETO** declarado **PREFERIVEL** para consumo publico, como consta do respectivo relatório d'analyses, e se prova pela certidão passada pelo zeloso Delegado de Saude d'este districto, o ex.^{mo} sr. dr. Pereira da Cruz.

Não se deixe, pois, o publico ludibriar. O estabelecimento de

ALFREDO MANSO PRETO

na rua das Barcas, é o unico da cidade onde se vende o mais puro e saboroso azeite.

Aos agricultores

Vende-se uma porção de carnis d'aço usados proprios para armar latadas, corrimões ou para outro qualquer fim, sendo o seu custo de 140 réis o metro, ou 25 réis o kilo.

Quem os pretender, pôde dirigir-se em Aveiro, a José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, e em S. Jacintho, a Manes Nogueira.

SAPATARIA REIS

R. DOMINGOS CARRANÇO
(A'S CINCO RUAS)
AVEIRO

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma instalação mais apropriada.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de corte, excellente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

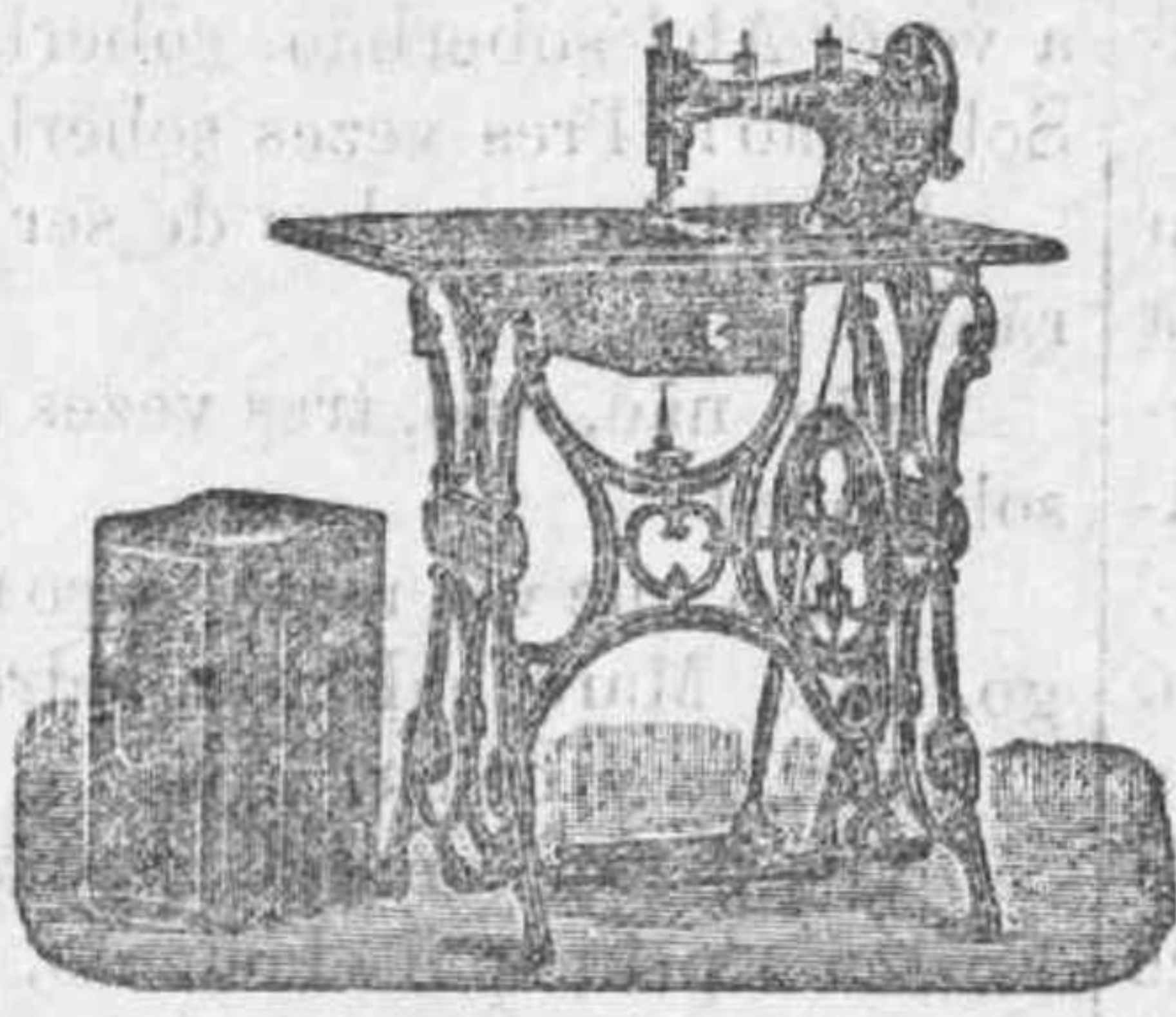
VENDA DE PROPRIEDADE

Vende-se a quinta do Torreão, em Verdemilho, toda ou em parte.

Para esclarecimentos, em Aveiro, com José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, e na Quinta do Picado, com Francisco Cardoso.

Caso se não venda em globo até ao dia 16 de novembro, será arrematada, em partes, no mesmo local, no dia 23, pelas 11 horas da manhã.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA



DA
ACREDITADA FABRICA
"PFAFF,"
Fundada em **1862**
EM
Kaiserslautern
São estas as melhores
machinas de costura

A machina **PFAFF** para costureiras.
A machina **PFAFF** para alfaiates.
A machina **PFAFF** para modistas.
A machina **PFAFF** para sapateiros.
A machina **PFAFF** para seleiros.
A machina **PFAFF** para corrieiros.
A machina **PFAFF** para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a diuheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systems.
Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.

Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA-SANGALHOS

HISTORIÃ

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA De 1820

Illustrada com magníficos retratos dos grandes patriotas d'aquella época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

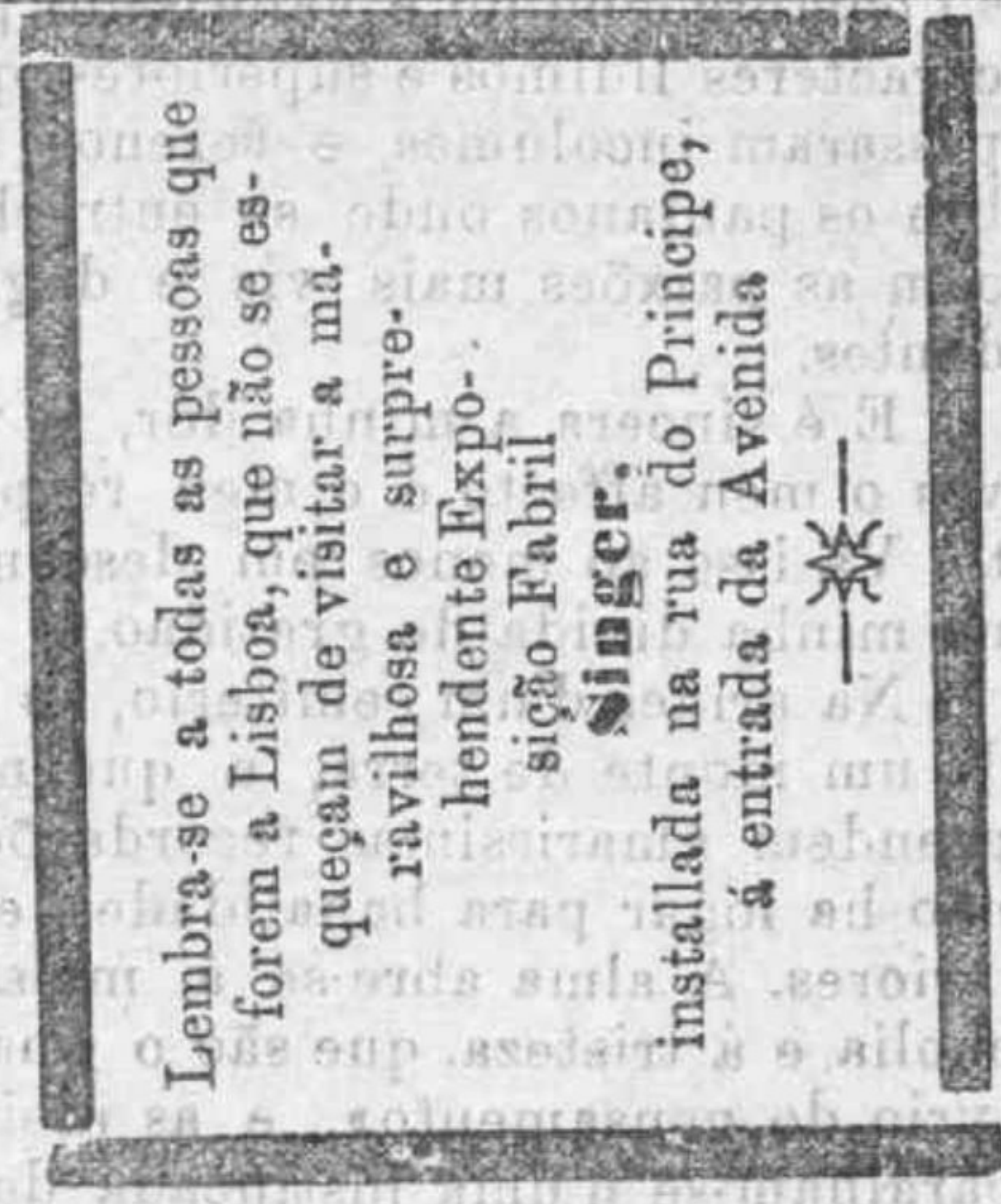
Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanales de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia da familia, tem de ser guardada na bibliotheca de cada lar como testemunho a thentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como leões lutaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas 60 réis
Cada vol. brochado.. 1.500 »
Obra completa (4 vol) 6.000 »

A assignatura por fasciculos pôde ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.
Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.^a, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria **Nello Guimarães.**



"Povo de Aveiro."

Em Lisboa, na tabacaria **Monaco.**

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolve-se n'esta obra, soando de paginas vibrantes e commovedoras, as heroicas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A' venda o 1.^o volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores
Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

TYPOGRAPHIA

POVO DE AVEIRO

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outro qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

A NOVA PHASE

SOCIALISMO

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel do Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. É esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entredo e pela sua forma artistica e impecavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES
Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escripto polaco.

Trad. de **EDUARDO NORONHA**
Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe

AVEIRO

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

tradução de **EDUARDO DE NORONHA**

300 rs. cada volume 300

A' venda o 1.^o volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia **SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix.**

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ARMAZENS

BEIRA-MAR

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22 R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo ao sobejo (Luz. Cam.)

VENDAS SO A DINHEIRO

Preços fixos

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.
Camisaria, gravataria, livraria, papellaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapellaria. Chapêns para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.
Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).
Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.
Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.
Louças de porcelana, quinquilharías, bijouterias, perfumarias (importação directa).
Flores artificiaes e cordas funerarias.
Ampliações photographicas. Encadernações.
N. B. — Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.